

MARIA RITA



SEMANARIO
Direcção Literária de
ARNALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSÉ DE ARTIMANHA

MEMORIAL
Director Artístico e Secretário da Redacção
OCTAVIO SÉRGIO

TEORIA DA MESA POSTA



O homem — O pão nosso de cada dia nos dai hoje...
A voz do Senhor que andava por ali perto — Vai trabalhar malandão!

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

Colecção PARA TODOS

A melhor serie de romances, dos mais interessantes
autores estrangeiros, de Aventuras de Amor, Poli-
ciais e Históricos, Literatura são



Preço de cada volume em todas as Livrarias

BROCH. 12\$50 — ENC. 17\$50

Rafael Sabatini

(o Dumas moderno)

- Scaramouche fazedor de Reis
- O Capitão Blood
- A Volta do Capitão Blood
- O Gavião do Mar
- O Príncipe Romântico
- O Grande Amor

Baronesa Orczy

- O Pimpinela Escarlate
- A Vitória do Pimpinela Escarlate
- Novas aventuras do Pimpinela Escarlate
- Sir Percy
- Eu me vingarei
- O Tirano
- Eldorado
- Rosamaria

Edgar Wallace

- O Milhão Perdido
- O Gabinete n.º 13
- O Vingador
- O Comandante de almas
- O Apartamento n.º 2

- Um Perfil na Sombra
- O Leão da Bôlsa
- A Serpente de Plumas

E. M. Hull

- O Filho do Sheik
- O Sheik

Elynor Glin

- Macho e Fêmea

P. C. Wren

- Beau Geste
- Beau Sabreur

E. Barrington

- A Divina Dama

Conan Doyle

- A Cidade Submaria
- A Caixa Sinistra

Jak London

- Aventureira

LUÍS EDMUNDO

O RIO DE JANEIRO NO TEMPO DOS VICE-REIS

Curiosa reportagem histórica, reconstrução da vida social brasileira durante o vice-reinado do Brasil no Rio de Janeiro, 1763-1808.

Um grosso volume com mais de 500 páginas, grande formato e cerca de 300 ilustrações, na maioria originais dos pintores brasileiros Wash Rodrigues, Henrique Cavaleiro, Marques Júnior, Carlos e Rodolfo Chambeland. Reconstituições feitas através documentos históricos. **Hors-Textes** reproduzindo estampas do tempo, telas, bem como outros aspectos da Arte portuguesa no Brasil Colonial. Luxuosa impressão.

Assuntos do livro: A cidade colonial. A gente Ruas, praças vielas e alfurjas. Lojas. Mercadores e seus caixeiros. Ambulantes. Mendigos. Escravos. Procissões.

Um volume brochado pesando 1:600 gramas 75\$00

Egrejas. Sentimento religioso da massa. Padres. Frades. Irmãos da opa. Nosso Pai. A casa e sua arquitectura. A morada por dentro. Mobilário. Criados. Cosinha e mesa. Donos e donas de casa. Nascimento, infância, adolescência e educação de sinhasinha, Namoro e casamento. As cortezias e obrigações na sociedade. A moda. Os elegantes do tempo. Médicos. Cirurgiões. Barbeiros. Parteiros. Dentistas. Algebristas. Sangradores. Feiticeiros. Santos curadores. Festas populares. Alegorias. Carvalhadas. Touradas. Congadas. Serração da Velha. As Falias do Divino. Outras diversões populares. Teatro. Actores. Espectadores. Plateias. Peças. Testrinhos de bonecos. Justiça. Juizes. Causas. Advogados. Pelourinhos e força.

Direito de Família dos Soviets

Por **VICENTE RÃO**

Contendo o código das leis de casamento da família e da tutela, traduzido e comentado. 2.ª edição, à venda em tôdas as Livrarias.

PREÇO: 20\$00

PEDIDOS À

Livraria Avelar Machado

Rua Poço dos Negros, 19-21 — LISBOA

LIVRARIA AVELAR MACHADO

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Poço dos Negros, 21 — LISBOA

Rua do Almada, 107-2.º — PORTO

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Vem nos jornais o caso de uma rapariga parisiense, formada em Letras e Direito e casada com o filho de um sábio de grande nomeada, que certo dia se fartou de leccionar e advogar, e deu em bailarina de um faustoso «cabaret» de Montmartre.

Bailarina nua, inteiramente nua, como se fôsse uma banhista de Leça de Palmeira. E como é formosa, senhora de linhas absolutamente esculturais, e sempre o nu artístico — só o artístico, claramente — seduziu os homens, aconteceu que a sua aquisição foi um achado para o estabelecimento, que vê tôdas as noites esgotada a lotação.

Não procedeu assim sem consultar o marido. As lições davam pouco, os clientes rareavam, e o *ménage* vivia mal. Perante o alvitre de uma mudança de profissão, o marido não hesitou. O que êle queria era que houvesse viandas na mesa e dinheiro no cofre. E se Madame podia perceber bons honorários mostrando-se nua em público, para que havia de êle ter escrúpulos, impedindo-a de agenciar honradamente o pão do casal?

Honradamente. Assim mesmo. Foi êste o termo empregado pela douta bailarina quando o escândalo estalou por motivo de ter o sogro recebido uma carta anónima avisando-o de que aquela que êle denominava o «anjo do lar» se mostrava tôdas as noites em trage paradisíaco. O pobre velho, na sua qualidade de sábio, passava a vida na lua, mal desconfiando que a sua formosa nora fôsse a célebre bailarina que diariamente, sob um nome suposto, recebia em olhares cúpidos e calorosos aplausos, a homenagem do Paris que se diverte. Recusou-se a acreditar no que lhe dizia a maldosa missiva, mas, em todo o caso, foi verificar. Viu o «anjo do lar» em pelote, como um verdadeiro anjo. Ficou indignado, por êle e pelo filho. Incepou os dois, em frases cantantes de cólera. A nora, porém, res-

pondeu que a sua nova profissão era tão honrosa como as primeiras e que, de resto, só o que a levara à igreja tinha direito a repontar. Quanto a êste, declarou peremptoriamente, como homem que tem o juízo no seu lugar:

— Antes quero que minha mulher se mostre nua a dois mil homens do que a um só.

Vê-se que possui um senso prático digno de muita nota. Quem sem dúvida o não possui é o velho, que pode saber muito de matemáticas e astronomia, mas cinca lamentavelmente na vida social.

Pretender que continue a ser advogada, de beca a afogar-lhe o busto, uma mulher que ganha rios de dinheiro sem despesas de *toilette*, — só de tolo.

*

Que, afinal, podiam conciliar-se as duas pretensões. A doutora revela uma

As feras



Um homem assim feroz, com uma bengala na mão, é o que se chama um verdadeiro tigre... de bengala.

tendência inata para o nudismo; o sogro deseja-a a parolar no fóro. Pois que volte a bailarina a ser causídica. E quando, na defesa de qualquer criminoso, vir os juizes dispostos a condenar, proceda como o advogado de Frineia, apenas com uma leve modificação. O causídico grego despiu a sua cliente, para perguntar ao tribunal se ousaria condenar uma criatura tão formosa. A doutora parisiense não cometerá a *gaffe* contraproducente de pôr à mostra as pernas tortas e o peito felpudo do *apache* que se lhe confiou. Deixará cair no chão os próprios vestidos, e, erguendo-se soberanamente nua, bradará:

— Há alguém que se atreva a condenar um réu defendido por uma mulher assim?

Claro que os juizes, em frente de tão inédito e desusado espectáculo, perderão a cabeça, — e o réu salvará a sua. Os assistentes romperão em entusiásticas aclamações. E se entre êles se encontrar, numa das suas freqüentes viagens a Paris, o meu ilustre amigo Dr. Amílcar de Sousa, retembarão dois ou três apoiados bem puxados à substância, bem portugueses, enquanto uma mão branca e nervosa se estende para a formosa advogada, — a oferecer-lhe duas pêras.

Marcial JORDÃO.

Orfeão do Pôrto

Para início das festas de homenagem a esta agremiação artística, realizou-se, ontem, um cortejo de saudação à Imprensa, no qual tomaram parte, além de vários Orfeões, várias associações de beneficência, adueiros, bombeiros voluntários, etc.

Agradecemos a visita que nos fizeram, da qual nos ocuparemos no próximo número.

Rés-do-chão

Balancete da semana

Trindade não despiu a camisola.
José Maria Nicolau, chegou
primeiro à capital. Mas foi-se à viola
para êle a vitória que sonhou.
Contudo, ouvi dizer
a alguém, que, se um venceu, o outro ganhou.
Não chego a perceber
a classificação agora dada
por múltiplos «chavões» amigos meus.
Mas, em questões d'sport, bêsta quadrada
eu sou, graças a Deus!
Venceu Mestre Trindade. Se vencesse
o grande Nicolau, talvez pudesse
a crónica cerzir,
sem nada me afligir,
em verso menos mau.
...Cabe melhor no verso o Nicolau!

*
* *

Francelos, Miramar, Aguda, Granja,
como se faz na estranja,
— nisto é que é imitá-los! —
dão-nos uma corrida de cavalos.
Ninguém faltou. A *haute*
gomme lá 'stava tôda... Amigo, dou-te
um doce se arranjar's uma assistência
igual, n'outro local.
Divina Providência!
Que mulherões! A graça triunfal
do «matronismo» super-elegante!
Que ricos mulherões!
E os cavalos? Que grandes cavalões!

.....
Seis corridas, qual mais emocionante!

.....
Ai! tantas éguas céleres, fogosas!
Tanta mulher divina nas bancadas!
Relinçam madrigais jovens airosas;
as «facas» *rouge* põem, açodadas!

.....
Um medonho clamor atroa os ares.
— Damas, cavalos, tantos exemplares
de mulherões e cavalões perfeitos,
que saltam vários corações de peitos
inacessíveis ao Amor e Hipismo!

...E a confusão começa.
— Duvidam? Ora essa!
Um português d'outrora
com um cavalo e uma mulher, té chora!
Actualmente não, na generalidade,
— e co'a coisa não entro...
Mas, porventura, há-de
um velho como eu, não sentir dentro
das veias crepitar o fogo antigo,
entre êsses cavalões
e aqueles mulherões,
ao ver tão belo e tão variado artigo?

.....
«Ele há tanta mulher!
Mas porque trovoada
a gente escolhe e quer,
— e não arranja nada?»

MARIARITICES

Pousa aqui... pousa ali...

Nudismo tostado

O nudismo está na berra. Pelas
nossas encantadoras praias, desde An-
cora à Praia da Rocha, uma multidão
de rapazes e raparigas, vestida rigoro-
samente de nu, exhibe aos olhos seden-
tos e boquiabertos do indígena, as plás-
ticas apeteçadas e tostadas dos seus
corpos esculturais.

O *chic* é andar nu, a moda é quei-
mar a pele, o último grito é um gajo
branco aparecer preto à família!

Que lhes preste!

Mas não seria muito melhor besun-
tarem a pele com graxa preta ou alca-
trão?

Dantes, os apaixonados, num arroubo
de lirismo, diziam à dama dos seus so-
nhos: «Quem me dera beijar o teu colo
de alabastro».

Agora podem dizer: — «Oscular os
teus seios, ó deusa dos meus amores, é o
mesmo que beijar duas sacas de carvão!

Epístolas modernas

E as cartas amorosas? Como se
exprimem, hoje, os mancebos ao man-
darem às donzelas a inevitável declara-
ção?

Deve ser assim pouco mais ou me-
nos:

— *Vi-a, ontem, pela primeira vez, na praia.
Agradou-me o seu corpo, mas desejava vê-la
vestida, para ver a impressão que me causava.
A sua perna é bem torneada e o seu pé mignon,
um encanto. Que sapatos usa?*

*As ancas são bem feitas e aquele sinal que
tem junto ao quadril esquerdo, dá-lhe muita
graça. Se corresponder ao meu afecto, espero
ter ocasião de a poder vestir na noite do casa-
mento.*

*A sua pele ainda não está da cor do tição.
É preciso apanhar mais sol. Toste-se, teste-se,
que o meu pratinho predilecto são as torra-
das... com manteiga.*

Adeus, minha escarumba! Um beijo do teu

(a) Gungunhana.

A rapariguinha, está claro, para fa-
zer a vontade ao rapaz, começa a ir
todos os dias para a praia, até ficar
preta de todo com os raios de sol.

...E não vir um *raio* que as parta!

Os pretos e o desemprego

Os mancebos que vão ennegrecer para
as praias tem tudo a lucrar com isso.
O desemprego alastra e é muito difi-
cil um branco encontrar colocação.

Um preto consegue emprêgo com a
maior das facilidades.

Sabem onde?

No passeio da Rua 31 de Janeiro, à
porta das diversas «Africanas» que por
lá existem.

E é para se lá collocarem que os
nossos rapazes querem ser pretalhões à
fôrça.

Que pretalhões tão espertalhões!

Um novo e perfumado desporto

O Dirt-Track

Vamos ter o prazer de apreciar a última modalidade desportiva! O célebre «Dirt-Track», que no estrangeiro tem feito um barulho de mil diabos!

O que é o «Dirt-Track», completamente desconhecido no Pôrto?

A MARIA RITA, que anda sempre a par das últimas novidades mundiais, vai explicar aos seus dedicados leitores o que é o originalíssimo desporto praticado pelos mais arrojados «azes» das motocicletas.

Motores e Cavalos Explosões e Cinza

O «Dirt-Track» é uma maravilha de audácia, com motores de 40 cavalos, que explodem ao mesmo tempo.

Calculem o efeito que deve produzir a explosão de 40 «Dirt-Tracks» em conjunto!

Ao «Dirt-Track» pode chamar-se com propriedade, o desporto sonoro!

As pistas por onde correm as motos são de cinzas.

Esta cinza é fornecida pelas próprias explosões do «Dirt-Track», no caso de haver humidade no motor.

As duas partes do «Dirt-Track»

Este, no ramo desportivo, divide-se em duas partes: o «Dirt» e o «Track».

A primeira é destituída de interesse e consiste, simplesmente, na apresentação dos corredores e na limpeza das motos.

A segunda parte, o «Track», é que é a prova (para quem gostar...) mais emocionante e saborosa.

Regulamento da corrida Voltas originais

A corrida das motos no «Dirt-Track», em nada se parece com as usuais. O seu regulamento é muito diverso.

Nas habituais corridas, dão-se simplesmente voltas normais, à pista. Isto é, o corredor salta para cima da moto, com uma perna para cada lado, e larga que se faz tarde!

No «Dirt-Track» não é assim.

Há diversas voltas. Voltas para trás, voltas para a frente, voltas de lado, voltas de costas e voltas de barriga.

Nestas últimas voltas do «Dirt-Track», todo o concorrente que, ao fazer a explosão no motor, deixar escapar gasolina pelo depósito, perde o direito a continuar, ficando desclassificado.

Todos querem ver e ouvir o «Dirt-Track»

Estamos certos que o «Dirt-Track» vai causar sensação e alcançar entre nós uma fácil popularidade.

Se no estrangeiro se tornou rapidamente conhecido e criou adeptos, o que será na nossa cidade, neste Pôrto tão querido e amado dos tripeiros?

Pois não é verdade, que no grande desenvolvimento do «Dirt-Track», as tripas devem ter um papel preponderante?

Nós não faltamos às provas e avisamos os nossos leitores que se previnam, a tempo com os bilhetes, para não ficarem ao cheiro do «Dirt-Track»...

ETIEL.

Dr. KNOX.

Delicadeza

Dois gatunos, dois tais que, pelo escuro
Da noite, vão roubando o semelhante,
Saltaram mansamente o alto muro
Da quinta do casal Mártires Ladeiras,
E com um pé atrás, outro adiante,
(Andar de quem não se acha bem seguro)
Foram-se aproximando das trazeiras
Da casa, em cuja porta exp'rimentaram
Um molho de gazuas, chaves falsas.
E tantas foram elas, que acabaram
Por chamar a atenção do proprietário,
Que sem se ter despedido ainda de calças,
Muito acordado, a ler o seu «Diário»,
Os sentiu a mecher na fechadura.

Assomou-se êle então a uma janela,
E gentil sorridente, com brandura,
Lhes disse, bem cortês, sem mais aquela:
«A fineza, senhor's, lhes vou pedir
De se irem embora
Voltando a outra hora,
Pois que ainda não 'stamos a dormir!»

PERFIS DO PORTO

XX

EGO



Querido leitor: Á falta de outro assunto, o vosso caricaturista oferece-vos hoje a sua vera-efigte

Suplemento da MARIA RITA

dedicado exclusivamente aos jornais por mais
-:-:-:- hebdomadários que pareçam -:-:-:-:-

Esta secção será hoje dividida em duas partes apenas: Uma dedicada ao *Comércio de Gaia*, empoladíssimo periódico de além-río. A outra ao fantástico *Ecos de Cacia* que consegue melhorar em asneiras de número para número.

De o

“Comércio de Gaia”

Quatro recortes apenas:

De Sport

No P. C. de Gaia, que há largos anos desempenha com toda a proficiência e abnegação os mais variados casos directivos, neles dispendidos toda a sua energia.

Por isso podem calcular o valor jornalístico e desportivismo que de Oliveira Júnior vai irradiar nas colunas de O Comércio de Gaia.

Como vêem é fácil de avaliar pela abnegação dispendida, qual o valor jornalístico que o sr. Oliveira Júnior vai irradiar no *Comércio de Gaia*...

Necrologia

— Acaba de se sepultar no cemitério desta Vila aquele rapazinho que foi, com outro ainda internado no Hospital da Misericórdia, cujas pernas tem de ser amputadas, vitimado por um desastre de motocicleta na estrada de Braga, há dias.

O seu funeral foi imponente e cheio de pesar, vendo-se incorporados muitos rapazes e amadores daquela viatura. Os nossos pêsames. — C.

Que pouca sorte, coitado! Como não lhe bastasse o ter morrido, tem de sofrer ainda a amputação das pernas! Quanto aos amigos que foram ao enterro e são amadores destas viaturas, aconselhamos um tiro na cabeça e dez caixas de fósforos que não riam.

Notícias das circunvizinhanças

Falta de água

Então no Candal, a antiquíssima fonte Lodosa, deixou de deitar água, vendo-se a população em sérios embaraços para a conseguir, valendo-se dos amigos, vizinhos etc.

Três coisas num pé só: *Primeiro*: a população do Candal deve ser como os grilos do Padre Patagónia: bebe-se uns aos outros, porque vizinhos são todos.

Segundo: os vizinhos dos vizinhos, meus vizinhos são; e com certeza não passam duns aguadeiros. Ou então: Terceiro: cada um dá as águas que tem e não é mais obrigado. O que deve é ser engraçado ver os vizinhos a verter águas para a população!...

Literatura

Os Crimes do Bandido Lampeão

Encontra-se à venda o V volume da célebre obra de Floriano Sergipe, «Os Crimes do Bandido Lampeão».

Este livro, que encerra os feitos misáveis do insaciável famigerado, Virgolino Ferreira, mais conhecido pelo «Lampeão», que actualmente vagueia, pelos sertões brasileiros, é duma leitura agradável, que o govôrno brasileiro tem envidado todos os esforços para que este bandido seja capturado, têm sido infutíferos.

Donde se prova que não se percebe patavina. Realmente os misáveis feitos do insaciável famigerado, tem levado o govôrno a empregar esforços infutíferos; mas o que é não lhe encontra com certeza é uma leitura agradável.

E já chegamos ao

“Ecos de Cacia”

limitando-nos por hoje a transcrever diversos retalhos de boa prosa dum artigo fenomenal do seu editor e redactor principal: Costa Pinto.

Começa assim:

Ainda que em ligeiras considerações; ainda que em discrição morbida de atributos literários, mas grande pela vontade inalterável que sinto, por ver progredir de ano para ano o jornal de que eu sou um humilde colaborador.

Ainda que soframos as maiores torturas, ainda que sejamos vexados por todos, é nos sempre concedida a Liberdade, essa liberdade, inconfundível, essa fonte de acções que existe intangível dentro da nossa alma, de pensar e de crer no que nos aprovou.

Perceberam?... Viram como era verdade?

Quem fabricava as acções não era senão a Liberdade! Mistificadora. Vamos andando:

Faz hoje dois anos, que num esforço sobre-humano, recebeu a luz da publicidade o «Ecos de Cacia».

Esse jornal teve a luz da publicidade num dia de ouro!...

Por isso brilha tanto!... Por isso se vende ao quilo!...

Mais abaixo:

Eu como «colaborador amador» tenho esperança; a esperança que atrai e consola; a esperança que anima os seres, iluminando-os com os seus raios fosforescentes, que dão magnificência a alma, tornando-a forte; a esperança que é o poder de uma vontade de pensamentos elevados, pelo desejo de uma subida, que o «Ecos» viverá sempre, na luta profícuca ou improfícuca que o Destino lhe traça, que seja inundado de luz e beleza, de bondade e ternura, de alegrias e vitórias, de torturas e sofrimentos, no sector do Pensamento, verdadeiro Campo de Consciência, espalhando o bem, a alegria, a paz e o amor...

E não houve uma esperança que o partisse! Que lhe desse ao menos no Campo da Consciência!... Senhor, fazei o milagre enquanto éle é só amador!...

E termina assim com esta formidável tirada, digna daquele Fala-só de S. Mamede de Infesta que levou uma bengalada na cabeça:

Um turbilhão de ideias me afliu neste momento ao cérebro.

Prensaria condena-las, e, num felance espiritual transmiti-las ao papel. Mas o tempo falta, e o «Ecos» não me pertence...

A Providencia propôrclonarã a este semandrio uma existencia longa, entre Sol e trevas, ecordenados nas tragédias de emoção que lhe procuramos transmitir.

Neste redondel de asneiras não admira que haja sol e sombra! Mas ainda gostaria de ver o sr. Costa Pinto *prensando condenar as ideias* e num relance espiritual pregar com elas no papel! A que cheirariam as ideias deste cavalheiro!

Ora imaginem que este Costa Pinto chegava a Costa Gálo...

N. B. — Tudo que aí fica é assim mesmo.





Dr. João Santarém

Quis a amável gentileza de um dos nossos mais distintos oficiais-aviadores que a MARIA RITA, na pessoa de um seu redactor, também fôsse no balão, ou seja, que desse um inesquecível passeio aéreo sobre o Pôrto. Das suas impressões e seus comentários consta o que se vai ler. É a própria MARIA RITA quem fala:

Logo de entrada, quando do Pôrto nos dirigíamos para o campo, houve um gracioso antipático que nos berrou: — Quê? Para o campo da aviação? Estás aviada!...

A-pesar-disso chegamos.

O Campo

Não sei se sabem que o campo de aviação em Espinho é feito de areia, terra e alguma relva, tudo muito bem misturado, muito fofinho, para que se possa cair de cabeça para baixo, ficando ao menos com uma costela direita.

Isto é subir... marquesa!...

De motor a roncar, postos o *passé-montagne* e os óculos (calculem a figura da MARIA RITA!), rezamos os últimos Padre-Nossos pela salvação, ao menos, da nossa alma, e lá abalamos



A Semana da Aviação e a MARIA RITA

Por ares e ventos--As condições aerodinâmicas da nossa MARIA RITA

● DA TRAPOSFERA Á ESTRATOSFERA ● OS CIMES DO PICCARD ● ESTÁS ALTA, Ó COISA!... ●

com um chinfrim medonho, de vento a zunir e um frio de rachar.

Subimos. Até aos primeiros cem metros de altitude, bailou-nos na bôca o bacalhauzinho do almoço. Mas quando alcançamos a segunda centena, já as batatas andavam a boiar no azeite...

Na terceira dúzia... (ah!... perdão, julgávamo-nos ainda em Espinho) na terceira centena já o exófago tratava por tu o céu da bôca, e as tripas e a bexiga já andavam também às voltas com o tu.

O Pôrto de cima para baixo

Nesta altura voamos a uma tal altura que já não nos incomodava nem o homem da tipografia nem o fornecedor do papel.

O Pôrto estava ali mesmo por debaixo de nós, naquela comodíssima posição em que a gente o pode desrespeitar sem que a polícia intervenha. Já o Código das Posturas não tinha artigo que nos atrapalhasse... Podíamos pôr à vontade...

A Invicta, para a MARIA RITA, já não era invicta. Era subjugada pelo nosso olhar de águia...

Vista do alto, a cidade de pedra e cal, não era mais que telha e cimento armado...

E foi então que nós começamos a surpreender-nos...

O que a MARIA RITA vislumbrou

Visto de cima, tudo aquilo que vemos cá de baixo, é diferente.

Por exemplo:

A estátua do grande descobridor, o sr. Infante D. Henrique, não é mais do que um chapéu de Avintes com uma borla, e um braço enorme de polícia sinaleiro.

Os próprios polícias sinaleiros, não passam duns cogomelositos que ninguém derruba porque a multa é muito pesada.

A estátua do sr. D. Pedro, como se vê daqui, parece um camelo com uma corcova grande. O que há de bom para se ver nela é só por baixo.

Cá de cima ninguém diz que é um homem a cavalo. Homens a *cava-lo* são tódas as formiguitas que se vêem nos passeios.

Os Pilatos da Avenida, ou os meninos de purp... urina...

Cá de cima, nada. Apenas um açafate de fruta com as saliências admiráveis dos pêssegos, carecas por enquanto.

Só a impudica donzela que dá pelo suavíssimo nome de Menina da Avenida, é que, como tódas as mulheres, tanto faz vê-la de cima para baixo, como de baixo para cima: sempre mulher...

Enfim, são gostos...

Mais coisas

A Rua do Almada parecia um canudo de ferro.

O Campo da Regeneração tinha os bancos com mais freguesia que os da Praça Nova. Ao passar, piscamos o olho mais a geito ao Ganimedes, que ainda fêz um trejeito de querer voar novamente.

Os homens então eram uma desgraça.

O Dr. Santarém parecia um liliputiano. O Dr. Pinto Leite parecia o fósforo que ri.

O Braga dos Correios, um reclame ao Maia e Silva e Filho.

O Dr. Américo de Castro, é que conservava o mesmo ar de *bon-vivant* e de gordura que tem sempre.

O senhor Cunha da Raza é um vaso mesmo de noite ou de dia...

O sr. Aníbal de Moraes é um nariz ambulante...

E assim sucessivamente fôram passando ante os nossos olhos tódas as coisas boas e más que o Pôrto comporta.

Coisas Extra-Programa

De repente o aparelho, — Zaz — fêz um *looping-the-loop!*

Oh! Rapazes! Vieram sobre nós tódas as casas da Ribeira, e as rapariguinhas da Foz ficaram-nos atravessadas na garganta.

Depois, quando o avião fêz a pomba-morta, valeu-nos o sinal da cruz para entreter os ócios.

E juramos aos nossos deuses que o sinal da cruz da igreja dos Clérigos, ficou marcado numa das asas do aparelho em que voávamos.

Conclusão

Quando o avião fêz marcha atrás, quando sossegadamente podemos *mirar-o-mar*, passou-nos a dor *aguda* que sentíamos. E foi-nos arrancado

o último *espinho* ao pizar terra firme e ao apalpar a almofada do assento, já agora muito mais fôfa e assim a modos de querer pegar na roupa.

Fomos fazer um exame radiológico para ver se nos faltava algum órgão. Felizmente, não.



Dr. Pinto Leite

Aquilo que não se espera

Foi o Progresso, o culpado. Esse monstro que usa processos de Satanás, fêz com que todo o mundo conhecesse à mesma hora em que voávamos, o arrojo da MARIA RITA.

Milhares de telegramas, centenas de rádio-cujos e dezenas de sem-filigranas bateram à porta da nossa redacção.

A MARIA RITA estava entre ufana e enjoada, quando se lhe deparou este, por classificar, e que a deixou aterrada, pelo seu laconismo, expressão e ciu-meira:

Berlim 15. 17. 35. 42.7, às 17,25 MARIA RITA:

Assim não vou! A estratosfera é minha e não a dou a mais ninguém. Que subam os gêneros (stop) que subam as saias das mulheres (ponto) que as mesmas andem com a cabeça no ar (pare) até aí vou eu! Agora que tu me queiras roubar a Glória, isso nunca! (stop). Fica mal a uma mulher, MARIA RITA: Não me faças...

PICCARD.

Não sabemos o que este maldito sábio quererá dizer lá com essa história de o não fazermos... Piccard.

Quem o fêz não fomos nós. Vá lá chamar pai e mãe ao grandíssimo raio que o parta.

Também Gabriel de Anunzio, o poeta mais aviador do globo terrestre, quis ter a extrema bôlha de nos enviar o seguinte telegrama:

RITOSA:

Sarabim, bam, bum!

GABRIEL.

Ora nós, não tendo compreendido patavina, levamos o telegrama à decifração sempre pronta do Sr. Dr. Baía



O Ex.^{mo} Sr. Infante D. Henrique

Júnior, que ao primeiro exame nos disse logo: isto é anemia, não faça caso.

Gago Coutinho

O ilustre almirante, patrioticamente, envia-nos também este saúdar:

RITINHA:

Cada vez mais Coutinho intê fiquei Gago ao saber do vosso heróico feito. Treme-se de comoção o astrolábio interior.

Gago COUTINHO, Almirante. (Não confundir com a marca de cigarros)

Leonardo Coimbra

Dêste homem ilustre, recebemos o seguinte telegrama:

Lixa, 2 (não confundir com lixa n.º 2):

Saúdoso e completamente lixado, com as glândulas sexuais do pensamento criador (ai pá!) saúdo MARIA RITA continuadora dos célebres heróis do ar... nobre povo.

A meu lado, Homem Cristo e Narciso de Azevedo, pedem para lhes transmitir outro-sim o binómio de Newton da sua admiração.

Leonardo COIMBRA.



A 3.^a volta a Portugal em Bicicleta

O que foi essa memorável passeata através do nosso país — Um grande jornal — Uma grande volta... — Uma enormíssima fita

Tôda a gente portuguesa vibrou de comoção. Não houve canto ou lareira onde não entrasse o conspícuo *Diário de Notícias*.

E a pergunta que saía de tôdas as bôcas, gegas ou mudas de nascença, era a mesma:

Trindade ou Nicolau?

E os desgraçados, zumba que zumba, por êsse País fora, com o *Antunes à Perna*, e um outro a dizer *Eu... gênio Martins*.

21 dias andaram a suar por êsse Portugal além, dezenas de camaradas arriscadíssimos, os olhos postos no *Belchior* de saudável memória, à parte aquele que o selim resguardava das intempéries solares.

Propositadamente a MARIA RITA, deixou para agora os seus comentários à volta da «*Volta*», para que se não dissesse que o seu bairrismo espirrava em tiradas tripeirescas de holocausto à memória de *Fernandes da Silva*, que, desde há muito, delimitado na região dos vinhos verdes, não podia deixar de ficar em *quinto*.

Não! A MARIA RITA esperou pacientemente e vai agora dizer da sua justiça.

O que é uma volta à Portugal

E' nem mais nem menos do que uma passeata a Vigo com discursos do Dr. Salazar Carreira e mais oradores inscritos.

E', pouco mais ou menos, um passeio de Rotários com comida de graça, automóveis de graça, carradas de graça, e um jornal *Diário*, maior do que as pirâmides do Egipto, a encher a pri-



Um corredor que perde sempre

meira página todos os dias com as classificações gerais, e as bandas de música que por tôdas as bandas esperavam a desportiva comitiva.

E', certissimamente, uma distância de 2.500 quilómetros, que 40 homens palmilharam pedal a pedal, com recepções faustosas e alojamentos de primeira classe (três risquinhos).

Os corredores

Eram muitos. Mas para o conspícuo *Diário* só existiam dois: O Nicolau e o Trindade. Os outros foram à volta, de propósito para que estes dois se distanciassem deles. Tiveram, é certo, o *Antunes à Perna*, que era fraco; mas isto não impediu que Portugal se alargasse e entrasse pela Galiza dentro.

Portugal é lauta bôda
Onde come a Espanha tôda...
.....

Desta vez, porém, foi o contrário. E quando iam a caminho de Espanha, como sentissem os efeitos bombásticos que chegam daquele país, zangou-se o Nicolau com o Trindade, por causa dum *bomba*. Afinal o Trindade tinha razão: em Espanha é impossível entrar sem uma bomba.

No final viu-se que esta *bomba* rebentou na bôca do *Fernandes da Silva*, o corredor nortenho, que ninguém protegeu, e que por isso não pôde *fazer das tripas campeão*.

Resultados

Ganhou a prova a Santíssima Trindade, se bem que o *padre* e o *filho* da corrida não ficassem muito satisfeitos. Ouvimos dizer que havia *espírito santo* de orelha... a favor do Nicolau.

O compadre Nicolau, chegou primeiro uma roda; mas ficou em segundo, por pouco mais de um minuto.

Quanto ao *Antunes*, tanto deu à *Perna*, que foi o *fraco* primeiro.

A MARIA RITA entrevista os dois heróis do dia

Fomos encontrar o Trindade a dançar no *Rio de Janeiro*. Como veem, nem a MARIA RITA se poupa a despeza, nem o herói tem medo da revolução. Deixemo-lo falar, enquanto a música toca um *biciclo-steep*.

— Não, meus amigos, não volto à volta. Eu sou pequeno, bem sei, mas

ninguém tem melhor perna do que eu. Veja como eu danço... Os carros de apoio, esplêndidos... A organização, maravilhosa. A corrida excelente, as manifestações delirantes...

O compadre Nicolau, estava em Benfica. Segundo nos disse foi o único sítio onde ficou bem.

Ouçamo-lo:

A prova da volta foi uma desgraça. A organização foi o peor possível. Carros de apoio, não havia. As camas eram tão duras que eu dormi muitas noites no selim da minha bicicleta. As manifestações, apagadas. A comida pessimíssima. A volta arruinou-me em comes e bebes.

Dou dez contos a quem me passar a perna. Ninguém pode contar com os furos... As máquinas são femininas... Dez contos ouviu?... E parto já...

Afinal a corrida foi uma fita

Sabemos de fonte autorizada que em breves dias será passada nos primeiros cinemas do País, a fita da corrida. O nome de documentário que lhe dão, não é senão para encobrir os defeitos dum valentíssima fita.

Ecos...

Na tia MARIA RITA
Leio sempre, com prazer,
Uma prosa tão catita,
Que é de a gente se... benzer!

São os *ecos* que a MARIA RITA, com tamanha gana,
Tira aos «*Ecos de Cacia*»...
...Só uma vez por semana!!

São *ecos* que ninguém ouve,
Por serem mudos... Sandices
Da pobre fôlha... de couve...
...Não são *ecos*... são tolices!

Todavia, ousou dizer:
— Se não são *ecos* dos tais
Que se ouvem, são para ler...
...P'ra ler e chorar por mais!

E se fizessem barulho,
Como no *eco* é vulgar,
(A's vezes 'té no bandulho
Gemendo, por falta... d'ar),

Eu diria em tom formal:
— Não são «*Ecos de Cacia*»
Esse grotesco jornal,
Mas sim «*Ecos... de Bacia*»!

BISNAU.



FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Temos falado tanto, temos mexericado tanto, — e nunca falamos... dos tipos.

Não. Não imagines que eu desatei a falar calão; gosto muito do calão, que é a espuma da rua, que é a tendência, natural em todos nós afinal, para definir o que não cabe em palavras já arquivadas e solenes. Mas não é desse tipo, do tipo-calão, que eu venho falar-te. E' de outros. Há talvez certo francesismo em chamar-lhes tipos. Paciência. O galicismo é por sua vez o calão dos intelectuais; (peor que o outro...).

«C'est un type», dizem os franceses quando veem um cavalheiro com manias, com originalidades que, se não chegam para levá-lo a manicómio, sobejam para arredá-lo da craveira normal.

Nós poderíamos dizer: — é um maduro. Mas há, na madureza, certo sabor de loucura mansa que torna a designação menos abrangedora... Chamemos-lhes pois: — os tipos.

Durante muito tempo, a mania dos romancistas e psicólogos era desencantarem tipos, indivíduos originais, no cómico ou no complicado, ou no trágico, que fossem nos respectivos romances um condimento de pitoresco, ou nos graves estudos uma fonte larga de dissertação.

O Zé Povinho, genial criação de Bordalo, é um tipo; sobrevive, de barba à passa-piolho, inacessível à gileteação. O brasileiro de Camilo, o Conselheiro Acácio, quantos tipos máximos, sobressaindo numa literatura também rica de tipos menores. E no teatro, meu Deus!

Hoje literariamente, o tipo está desclassificado. Abusaram dele, da sua docilidade, dos horizontes que abria à porca imaginação de quem, sobre esse bastidor, miudamente bordava...

Hoje, nas letras, os tipos deixaram de ser arte: — passaram a ser pirogravura.

Simplemente, e por um refluxo com sinal contrário, — andam à solta. Romeu, agarrado vivo por Shakespeare, e aprisionado em verbo lapidário, — é um hipopótamo dentro de uma jaula. A obra do Eça de Queirós é a *Aldéa dos Macacos*. A de Camillo é o *Solar dos Leões*. Folhear o catálogo de uma livraria é solettar a guia do Jardim Zoológico.

Mas tudo isso passou, pelo menos momentaneamente. E andamos todos nós rodeados de tipos, de grandes tipos, que não podemos aproveitar. Porque só de almas, de gradações sentimentais, de filosofias mais altas, tem de alimentar-se a arte de agora; — e os tipos, os pobres tipos, que andam por aí aos pontapés, não tem quem os retrate.

Cada um de nós tem um tio, um primo, um amigo, que é, em maior ou menor grau, — um tipo. Este, tem a mania fúnebre, vai constantemente aos cemitérios; nutre paralelamente a um seguro critério industrial, uma necrofilia platónica que nos diverte. Aquele, tem tantos enguiços, na casa, na rua, na maneira de pôr o chapéu no dia, no mês, — que nos oferece a cada momento um espectáculo de fraqueza cómica. E' uma galeria infundável de tipos, de tipos que dariam, fixados no papel, maus figurantes de maus romances, justamente pelo que tem de excessivo na sua própria verdade. Já Jerome K. Jerome, o formidável humorista inglês morto há pouco, diz que «as realidades da vida são as impossibilidades da ficção...» E é uma verdade cada dia mais verdadeira...

Eu conheci um, por exemplo... Era impagável. Não de graça, porque um tipo nem sempre faz rir. Mas impagável de piada, — vá lá o calão.

Era, não sei por que bulas, diplomata. Nasceu numa vila do Alentejo, e parecia boa pessoa. Pouco interessa aqui a sua biografia, que não foi saliente, e em que muito deveu aos incomparáveis primores caligráficos com que copiava menus, por essas legações. Casado com uma excelente conferrãnea, tinha três filhos que

muito amava, uns retalhos da herdade com alguma cortiça, e um ar austero, comedido, simpático. Banalíssimo, não é verdade? Pois aí o tens.

Era um tipo. Porquê? Pela mania das grandezas. E' banal? Não é. Ele não gastava um vintém mal gasto; no seu «monte» alentejano, não consentiu nunca em introduzir certos modernismos hoje triviais, como um quarto de banho, ou quejandos dispendiosos. Não. A sua mania das grandezas não era trivial, porque era económica. O que ele queria, era apenas que a vila o julgasse e considerasse muito grande, grande pela influência e pelo saber, pelo oculto prestígio de um poder que não tinha ostentações materiais.

Era democrático, furiosamente democrático. Por doutrina?

De-certo que não. Porque a massa democrática é a mais deslumbrável... Ainda me lembro de que, quando adoeceu certo conhecido chefe da democracia, ele ia todos os dias, de fraque, inquirir da preciosa saúde de S. Ex.^a, — interessando-se pelas glândulas do potentado com uma assiduidade que até vinha no jornal...

Restabelecido e reconhecido, o citado chefe empurrou-o na sua senda. E ele subiu... E foi quando subiu, — se isto é subir, marquesa... —, e foi quando mais democrático se viu, que a sua mania de deslumbrar a vila tomou melhor recorte aristocrático. Em Lisboa, empregava as dactilógrafas da repartição em copiar genealogias complicadas, pois descobrira que descendia de um Rei Godo que morreu com bigexas, e surdamente parafusava na maneira de evidenciar tão alta linhagem. E entretanto, para não perder tempo, à sombra de qualquer mirífico decreto com que um famoso ministro se auto-bacharelara, — determinava que os rendeiros e mais partes da sua pequena herdade o tratassem, quando voltasse a férias, por Dr. Passou tempo. Fêz-se mais democrático; inquiriu de mais preciosas saúdes; e logrou, ao cabo de uma luta porfiada com rivais que o não pouparavam, ascender ao posto de Conselheiro de Legação, — em que veio a falecer, anos volvidos, e há já muitos anos.

Pois de que pensas tu que ele se lembrou, MARIA RITA? Que ideia luminosamente democrática lhe ocorreu? Esta: — determinou que os que o rodeavam, muito urbana e docemente, o tratassem... por *Senhor Conselheiro*.

E assim em plena república, um indefectível democrático logrou esta coisa inverosímil, inútil, mas de muito efeito na vila: — ser o *Senhor Conselheiro*...

Não fazia mal a ninguém, era de boas contas, prestável para os amigos, servia para os seus chefes, bom funcionário; era, enfim, uma pessoa como a gente vê tantas, e que vão pela vida fora num passinho miúdo, discreto, que não os leva longe mas por isso mesmo não impede o trânsito.

E no entanto, sob essa capa de normalidade singela, — lá estava o tipo... Nem bom nem mau, nem trágico nem cómico, nem triste nem alegre. Simplemente, para quem como tu e eu sabe olhar o mundo de mais alto, era *patusco* entrar naquele meio pequenino de vila sertaneja, e ver o nobre descendente de Reis Godos, muito magrinho, com uma farta e majestosa cabeleira grisalha, sorrir com afabilidade à D. Procópio, curvar-se a um dito alegre da D. Máxima, arquear os cílios a uma afirmação mais grave do Liberato (que fôra Administrador e padecia de reumático) —; e vê-lo, a ele, com um lume de beatitude no olho, quando um desses, — porque para os deslumbrar vivera e lutara — o designava com um respeito amigável, proferindo: — «Aqui o nosso Conselheiro...»

Esta vai longa, MARIA RITA.

Porisso te não conto mais pormenores de um tipo inofensivo mas curioso; guarda-o para um romance, se em romances tornarem a entrarem tipos. Ou para divertidas fôlhas de memó-

rias, que escreverei quando fôr velho. Se daqui até lá me não der na veneta que me tratem por Príncipe, — o que é possível. (Conto contigo para me chamares «Vossa Alteza»).

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

Posta restante

Rei Louro — A sua resposta ao *Beijo* do nosso ilustre colaborador sr. Cunha da Raza, era um bocadinho旭xada (ou chupada, como quiser). Teve um destino ingrato. Tenha paciência e mande sempre.

Indício de Lanholas — Como viú foi recebido nesta casa de braços escancarados. O não ter saído a segunda, não é caso para não vir terceira. Gostariamos de o abraçar e conhecer (antes ou depois). E também gostaríamos de ver por cá mais coisas no género da primeira. Seremos atendidos? Bem-me-quer... mal-me-quer... etc.

Bisnau — Encantador, sabe? O que não acreditamos é que seja do tempo da MARIA RITA número um. Quem assim escreve e verseja é sempre novo. Muito obrigado, e cá o esperamos como certo. Nunca é tarde quando a intenção é boa.

José F. Moreira — Nem sempre somos nós os culpados das coisas não saírem. Outro valor mais alto se levanta, a-pesar-de começar a trabalhar só às 5 horas da tarde. A bom entendedor...

ANUNCIOS da MARIA RITA

PASSA-SE — Uma fábrica de goma arábica em bom estado. Cola tudo; metais, pentes, pratos e mentiras. Arrendamento secular... colou.

ALUGA-SE — Um carro de paralítico. Travões à 4 rodas. Fôgo central. Demarreu eléctrico. Habitado a fazer viagens a Fátima.

SEBO — Temos um grande saldo deste artigo de 1.^a qualidade, para uso das candelas. Com aplicação deste sebo chega-se a atingir a velocidade de cinco milhas aéreas à hora. Vende-se nesta redacção a prestações semanais com bónus, sem fiador.

PAU DE CABELEIRA — Aluga-se um em bom estado de conservação com o curso do Instituto de Paris, próprio para as praias. Preço módico. Dirigir-se a esta redacção às iniciais P. C.

MENINA — Muito envergonhada, de tenra idade, 27 anos, educada e muito prendada, oferece-se para dama de companhia de cavalheiro independente, com sentimentos religiosos, e que tenha regulares meios de fortuna. Sendo preciso, envia-se, retrato, oculto. Moço de fretes a este jornal a tôdas as horas úteis.

MAILLOT — Perdeu-se um de senhora na praia da Boa-Nova, quando a sua dona tomava banhos de sol, sistema Amílcar de Sousa, entre duas rochas. Sinais: Maillot vulgar de Lineu, próprio para banho, com riscas brancas horizontais ao correr da pele. Gratifica-se bem a quem o entregar naquela praia.

SOPEIRA — Oferece todos os seus serviços para servir casal de certa idade, que tenha um filho em idade militar. Não faz questão de ordenado e não se importa de fazer serviços extraordinários. Guarda-se segredo.



Glosas recebidas... e publicadas com atraso:

Já que pedes que te mande,
Belinhos a loda a hora,
Eu vou-me por aí fora,
Vou-te dar um beijo grande;
Pois por mais que sempre ande,
A dar-te beijos tujudos,
Uns sonoros e outros mudos,
Não conseguí nem de leve,
Dar-te um beijo quem te escreve
Pra o trocares em mítidos.
(Trancoso).

Zé Barão.

Para que meu mal abraque
Este mal tão rutilão
Para que passe, o ratião,
Vou-te dar um beijo grande!
Para que o amor não abraque
Nesses lábios rebonchudos
Que podem valer escudos
Vou dar sem encavaour
Beijo que está a tardar
Pra o trocares em mítidos.
(Avelro).

Zé Maria.

Meu marido não se expande,
Ficou mudo, coitadinho...
Mas para seres meu amiguinho,
Vou-te dar um beijo grande.
Nossa Senhora te abraque
Esses modos tão sisudos
Não queiras ser como os mudos,
Satisfaz o meu desejo...
Já te dei assim um beijo,
Pra o trocares em mítidos.

Octávia Maria.

Para o mote

*Ando a ver se arranjo um pé,
Pra dar de mão à Faustina.*

recebemos as seguintes aproveitáveis

GLOSAS:

Ando cá co'o meu filé
De me curar de clúmes,
Estou farto de azedumes,
Ando a ver se arranjo um pé.
Mesmo de lãns-caprina,
Pra me livrar da verrina
Dessa amante que me assanha,
E vou usar de cartimãnia!
Pra dar de mão à Faustina.

Tónio.

Arranjei um tal hanzé,
Com a minha namorada,
Pra me zangar com a Eduarda,
Ando a ver se arranjo um pé.
Pra mim é ponto de fé,
Que há intrigas da Deitina;
Pois conheço esta menina,
E sei bem que os seus desejos,
E abraque-me os seus beijos,
Pra dar de mão à Faustina.
(Portalegre).

Figueira do Inferno.

Todos sabem que há hanzé,
Uma revolução civil,
Pra's chandás di lá, no Brasil,
Ando a ver se arranjo um pé.
Pra eu me passar no (Bage)...
Dos emigrantes a sina,
'Emigrantes' descrimina...
Mas, talvez, na revolução,
Consiga ter ocasião...
Pra dar de mão à Faustina!
(Portalegre).

Herr Ritoílio.

Pra não ser pai do bebê
Que a Faustina ao mundo deu
E que diz ser filho meu,
Ando a ver se arranjo um pé.
Se passo o frete ao Tomé,
Por isso a gente mais fina
Eu peço, a ver se me ensinã
Como hei-de a coisa arranjar,
Pra pôr o bebê a andar,
Pra dar de mão à Faustina.
(Avelro).

Angelo de Meneses.

Pra fugir da Nazaré,
Pra deixar ficar a Alice
E pra ritar a Clarice,
Ando a ver se arranjo um pé.
Já marchou a Salomé,

Pôs-se a andar a Clementina,
Foi viajar a Angelina,
Pôs-se a Matilde a mexer;
Só não sei que hei-de fazer
Pra dar de mão à Faustina.
(Avelro).

Olegna.

Quem vos diz sou eu, o Zé,
Um ratião até mais não,
Pois pra dar meu coração,
Ando a ver se arranjo um pé.
Podem juntar-se na Sé
Quem casar com ela, quina;
Com ela, santa menina!
Tem só três filhos, mas aí,
Que não se conhece o pai
Pra dar de mão à Faustina.
(Avelro).

Zé Maria.

Faço agora o meu filé
De bem rico me casar
Mas para a coisa pegar
Ando a ver se arranjo um pé
A modos de, sem banzé,
Deixar esta, que é ladina!
Certo, porém, ela fina
Com o arranjo preparado,
Plo que vou ver-me enruscado
Pra dar de mão à Faustina.
(Penafel).

Saló.

Vou deixar, por minha fé,
Este viver desbragado,
Pelo que muito empenhado,
Ando a ver se arranjo um pé.
De na primeira mare
Pôr de parte ca a rabina,
Isto, claro, p'la surdina,
Para não haver berrata,
D'outro modo lá cerrapata
Pra dar de mão à Faustina.
(Penafel).

Nicles.

E' bem bos a Nazareth
Com o seu ar todo ufano,
Para a levar ao engano.
Ando a ver se arranjo um pé.
A coisa fácil não é
Pois que a sujeita é ladina...
Se cai n'arola é uma mina...
Se não cai é um grande beco,
Tenho que ir gozando em seco,
Pra dar de mão à Faustina.

Alfredo Cuaha (Raza).

Diz-me um dia o Barnabé:
S'tou metido numa aliada,
E pra fugir da rascada,
Ando a ver se arranjo um pé.
Vivo em constante hanzé,
Com a pequena da Alcina;
Chora, e toda se amofina,
Se a tudo não me presto;
Mas vou arranjar pretexto,
Pra dar de mão à Faustina.
(Trancoso).

Zé Barão.

O meu bom amigo Zé,
Depois de bem namorar,
Veio-me ontem segredar
Ando a ver se arranjo um pé.
Disse-me a razão porque é
Pois não via patavina
Como é pessoa ladina
O que ele não quer é casar
Por isso anda arranjar
Pra dar de mão à Faustina.

Amarantino.

Viajei num Chevrolet!
Foi tudo pelos ares fora;
Refiz-me do susto e agora
Ando a ver se arranjo um pé.
Muitas coisas perdi, bobe,
Como o escafolde e a retina,
Mas isso não me amofina
Como o pé que acima lembro,
Pois contava com tal membro
Pra dar de mão à Faustina...

John Athas.

O' menina, por quem é,
Tum arisca, assim, não seja,
Qu'eu pra levar à igreja
Ando a ver se arranjo um pé.
Sobre a boda, um salsifré
Daremos, mas coisa fina...
Correrá a girgolina,
Subirão aerostatos,
E Voce tocará pratos
Pra dar de mão à Faustina...

John Athas.

Pra saber se é ou não é
Uma paixão verdadeira
A da Faustina Pereira,
Ando a ver se arranjo um pé.
Mas, o pai dela, coitado,
Que é muito desconfiado
Diz-me há dias: Deixe a menina!
Você d'amor não se abraça,
Você só vem cá pra casa
Pra dar de mão à Faustina.

Ardotos.

O que é teu, também meu é...
Tudo que é meu te pertence...
E como quem teima vence...
Ando a ver se arranjo um pé,
Pra te fazer um nêne,
Uma int'ressante menina...
Mas, antes disso, Adelina,
Preciso de matular
A maneira de arranjar
Pra dar de mão à Faustina.

Sepol.

De botas cor de café
E sapatos amarelos
Para meter nos chinelos
Ando a ver se arranjo um pé...
E não perco o meu filé
De seguir a minha sina
Seja ou não seja moína:
Segundo disse a cigana
Um murro é pé de uma cana
Pra dar de mão à Faustina.

Cagancho.

Pobre sorte a do Lizé
Em acabar co'o seu amor
E embora lhe cause dor
Ando a ver se arranjo um pé,
Pois que livre ninguém é
N'esta terra pequenina,
Onde a mulher nos domina...
Mas pra não ser um escravo
Há-de ter um gesto bravo
Pra dar de mão à Faustina.

Lizé.

Sentado num canapé
A ler a MARIA RITA,
Para fazer uma dita
Ando a ver se arranjo um pé,
Eu tenho cá certa fé,
Numa formosa menina,
Muito ché e muito fina:
Mas com um certo paleio,
Hei-de ver se arranjo um meio,
Pra dar de mão à Faustina.

Délfim de Freitas.

Eu ando com meu filé,
Em conquista a Gatinela!...
Para me atrair a ela,
Ando a ver se arranjo um pé...
Senhora fieliga é
De jerarquia, a mais fina!...
A Faustina não é dina!...
Como ela o bem não acota,
Vou metê-la em zaragata
Pra dar de mão à Faustina!...

Jefiros.

O Antoninho é quem é!
O Martins é quem será!
E pra saber o que é que há
Ando a ver se arranjo um pé!...
Euroca! Euroca! — Olaré!
A tal louca é «pupa-fina»;
Mas, não é ela menina,
Que acredite nestes nênos...
Todo o homem tem espíritos
Pra dar de mão à Faustina.

(Sela).

Caura.

Estou farto da vida! Aié
Já pensei em me matar,
Para me pôr a cavar,
Ando a ver se arranjo um pé.
E já perdi o filé
De evitar a resina,
Qu'eu tenho com a menina,
Todo o dia em zaragata,
Confesso, não tenho lata,
Pra dar de mão à Faustina.

Rei Louro.

A Maria Caitana Salomé,
E' velha muito nervosa
Quero-a deixar e a Rôsa,
Ando a ver se arranjo um pé.
Com nenhuma tãho fé,
Nem a Prudência nem Serafina
Nem a Ana nem a Jonquina
Nenhuma deus é bonita...
Vou arranjar a MARIA RITA
Pra dar de mão à Faustina.

Mote a concurso para o próximo número!

*Se tivesses o que eu tenho,
Já não davas o que dás...*

Para a semana daremos as bases do concurso entre glosadores, ao qual presidirá um júri de sumidades no assunto.



Quem é?

A êste actor consagrado
Quem hav'rá que o não conhece?
Pobre e rico lhe dá palmas
Porque assim as bem merece.

Nas terras por onde passa,
A simpatia não muda;
Cá no Porto, como em *Braga*,
Sempre o bom povo o saúda!...

SEPOL.

Anexim

Nasceu malvada a D. Alzira.
Podem-lhe bater: Nada adianta.
— «Morrerá assim! Não admira.»
Afirma a mãe a quem se espanta.
..... (?)

(Lamego).

José LOPES.

Decifrações do número anterior: *Quem é?*
— Carvalho Barbosa. *Anexim* — «Quem tem
amores não dorme».

Mata-dores: Satiêr ed Mifled, Reirobi Campeão,
Maneca, Toneca, Quim, Rei das Fitas,
Bancuras, Cardial Gonzaga, Leão I, Xisto
Ximenes, Livela.

Em férias

Ninguém diga que está bem

I

Cara MARIA RITA:

estou em férias:

— Férias quer dizer ócio, malandrice —
E é por isso (não sei se já t'os disse)
Que te não tenho escrito algumas lérias.

Traz-me o campo as ideias muito aéreas:
Se tento fazer versos, sai tolice;
A Musa, de velhaca, ou por perrice,
Só me inspira ao miolo coisas sérias.

Mas era crueldade ou dura mofa
— A ti que és Az da graça e da galhofa —
Falar-te de tristeza ou desenganos!

Farei, pois, por te dar novas descacha,
Quando a Musa estiver para a laracha;
— Por hoje, vai um xi do teu

ALBANUS.



O filósofo Platão Pinheiro

O meu amigo Platão Pinheiro é filósofo. Quando o baptizaram religiosamente, recebeu ao mesmo tempo, na pia, salvo seja, a água purificadora, um beijo da parteira e o sal refinado da filosofia.

Isto duma criatura ser filósofo, é uma coisa que fica muito bem e dá um certo ar de importância a uma família, que se vê livre de apuros, graças à profissão filosofal que exerce o chefe da casa.

— Já reparaste? O Platão está um grande malcriado!

— Não é por mal. E' filósofo!

— O maroto do Platão, não há maneira de me pagar a conta!

— Coitado! Não faz isso por mal. E' filósofo!

— Então, já sabes? A mulher do Platão é mais aquele tenente de cavalaria...

— Já sei. Bem se importa êle com isso! E' filósofo!

Como vêem, não há profissão mais cómoda e sossegada, e quem estiver desempregado e tenha vocação, deve aproveitar, embora o ordenado não seja grande.

*
* *

O Platão tem uma destas latas mais estanhadas do que o inteligente duma corrida ou um árbitro de foot-ball. Lata, lata, não é bem assim. Porque o que êle tem é um *latão*, que encobre pondo-lhe um «P» à frente, para distarçar.

Para que os senhores possam apreciar de que quilate é a super-filosofia do meu amigo, transcrevemos alguns dos seus maravilhosos pensamentos, que são bocadinhos de platina saídos do cérebro do Platão.

— Os animais carnívoros mais sanguinários são as sogras e os credores.

— A honra e a honestidade são os dois grandes defeitos dos homens piegas e cobardes.

— Se não puderes matar um credor, dá-lhe, pelo menos, um tiro... de cem escudos.

— Se tivesses casado com a tua sogra, tinhas feito a felicidade do teu sogro.

— Nunca pagues a quem deves. E' um mau hábito que nos amargura a existência inteira.

— Quando uma mulher diz que nos ama, das duas uma: ou precisa de dinheiro ou está a mangar connosco.

— Se tiveres aceite uma letra, não a pagues no dia do vencimento. Se o fizeres podem julgar-te doido e meterem-te no «Condê Ferreira».

— Há quem brade contra a pena de morte! Então porque consentem os casamentos?!

— Se a tua mulher fôr ao dentista tôdas as manhãs e à modista tôdas as tardes, excusas de te cansares a trabalhar. Já sabes que não falta dinheiro em tua casa.

— Quando alguém te disser: Mete a mão na consciência! Pergunta-lhe se a consciência está no bôlso onde se guarda a carteira.

— Há viúvas que guardam fidelidade à memória do defunto. Pudera! Não lhes aparece uma segunda vítima!

— Quando lères a notícia da prisão dum gatuno, faz a ti mesmo a seguinte pergunta: Porque diabo é que as lojas de comércio estão abertas?

LEIDOAR.

HECATOMBE

Falecimento

ANTONIO Silva, Manuel da Silva, Maria Rosa, Preciosa de Jesus e José Marques participam o falecimento de sua querida esposa, mãe, manas e pessoas de amizade, e que o funeral se realiza hoje, sexta-feira, para o Cemitério Oriental, às 4 horas.

Agradece.

Trata-se de um anúncio fúnebre inserto em um diário português.

Evidentemente que a seriedade do assunto, afastando toda a possibilidade de troça, nada tem que ver com as rotundas jocosidades de MARIA RITA. No entanto, dada a importância da hecatombe em que pereceram — *esposa, mãe, manas e pessoas de amizade*, entendemos de nosso dever, com um dilúvio oriundo dos lacrimais, arquivar nestas colunas o grande desastre, que, depois do terramoto de 1755, é, com certeza, o mais trágico havido em terras lusas.

A toda a família hiper-enlutada e em especial à gramática do saudável Epifânio, apresentamos as nossas condolências.

DEGA REGIONAL DO LAVRADOR
DE
Manuel Moreira Rato
Rua das Fontainhas, 53 e 55
PORTO

Vinhos de consumo, vinhos verdes,
vinhos do Pôrto, Azeites, Vinagres,
:: :: Aguardentes, etc. :: ::

Bodas de prata

Nessa manhã, Jesuína Marques, 37 anos de exuberantíssima e quiçá honesta carnação, acordara cheia de alegria.

Seu marido, o Leopoldo Marques, benquista guarda-chuva dum fábrica de guarda-livros, dormia ainda, decompostos os raros cabelos, escorrendo-lhe da boca um fio de baba que se estilizava no mento.

Jesuína, com um seio a espreitar por entre as rendas da alvíssima camisa de cambraia, pôs-se a acordar o seu marido com momicas, muito garota, puxando-lhe pelo enorme nariz em bico.

— Vá, seu *chóchinha*, acorde, que são horas de ir para a fábrica.

Leopoldo, entreabrindo os olhos, para fazer alguma coisa pôs-se a acordar lentamente.

— Ora viva a minha *gatinha*! Muito bom dia!

E, de repente, já sentados na cama, abraçaram-se, inspirados pela mesma lúbrica ideia. Faziam precisamente nessa manhã criadora vinte-e-cinco anos de casados!

Vinte-e-cinco anos!
Sabia, ela Jesuína, qual outra Hermengarda, o que eram vinte-e-cinco anos fidelissimamente amarrado ao mesmo cadáver?

Vinte-e-cinco anos!

Por entre suspiros e lúbricas cócegas na espinal medula, beijaram-se doadamente e puseram-se depois a falar em vários idiomas estrangeiros, em que se disseram as coisas menos sérias deste mundo. Tanto falaram, que já a confusão de línguas era uma verdadeira Babel amorosa!

E ela, muito coquete, alinhando os ruivos cabelos com as suas mãos de jaspe, arqueante o peito, vá de saltar ao tapete, onde as chinelas de laçoletes amarelos esperavam amorosamente o calor dos seus pésitos cor de rosa.

— Vá, anda, *bijousinho*, avia-te... Olha que chegas tarde.

Vagarosamente, molemente, indolentemente, Leopoldo Augusto da Silva Marques, começou a tualete, enquanto a sua deliciosa *gatinha*, *ronronando* felicidade, foi tratar do primeiro almoço.

Vinte-e-cinco anos! — Eis duas palavras que martelavam a cabeça de Leopoldo, e começavam a pouco e pouco a definir-se numa compreensão!

Vinte-e-cinco anos! Vinte-e-cinco anos! Vinte-e-cinco anos! Como o tempo passa!

E sempre ali amarrado à sua Jesuína, sua, bem sua, completamente Marques, desde que o dr. Miguel Braga do Registo Civil e o Prior dos Congregados lhe disseram que podiam andar por toda a parte livremente, sem dar nas vistas!

Porque, em boa verdade, Leopoldo, durante aqueles vinte-e-cinco anos, nunca, uma só vez que fôsse, cometeu o pecado da infidelidade.

Lá isso... Só da sua Jesuína!

E era isso mesmo que, como uma insidia, lhe andava ali a ferver no cérebro!

Vinte-e-cinco anos! Vinte-e-cinco anos... e nada!

Nem uma entrevistazinha, nem sequer uma piscadela de olho a outra que não fôsse a sua completamente Marques!

Já era honestidade!

E é que essa honestidade aparecia agora aos olhos da inteligência de Leopoldo como uma lorpice inqualificável.

Mal vai ao homem quando ele rasga o espírito ao raciocínio ao ponto de se considerar um trouxa!

Leopoldo da Silva Marques, tomado o café-zinho e dada a beijoica do costume na covinha perdillecta da rotonchuda face de sua esposa, descendo as escadas entrou finalmente na rua.

Pelo caminho, a mesma obcecção: Vinte-e-cinco anos! Vinte-e-cinco anos e nada!

Afoitou-se mesmo a olhar a mulher do próximo passado presente na pessoa de várias mulheres que por ele passavam.

E ao transpor o portão da fábrica ia já de peito feito.

Efectivamente, Leopoldo Marques, havia reunido em assembleia geral todos os seus instin-

tos sexuais, e ficou ali resolvido por unanimidade, que nesse mesmo dia haveria de pregá-la. Nem sempre peixe, nem sempre Jesuína!

Um problema, porém, se lhe defrontava, emaranhado, de difícil solução!

Como e quando, daria êle largas à sua pornográfica veia?

Durante vinte-e-cinco anos levava sempre a mesma vida: de casa para a fábrica e da fábrica para casa.

Sair mais cedo do escritório, êle que nunca dali arredara pé?

O que diriam os patrões?

Mas o tempo passava e Leopoldo estoirava de desespero.

Reuniu nova assembleia geral e foi aprovado por unanimidade que pediria licença para sair mais cedo.

Pretextaria uma dor de cabeça, mal-estar, arrepios... Que diabo, um homem não é de pau... também pode estar doente.

Foi, pois, com heroicidade, que, apertando o nó da gravata e pigarreando a tosse dos grandes momentos, o nosso homem avançou até à porta de vidro fôcco onde a letras pretas se pintara: **Direcção.**

Pálido, emocionado, empurrou a porta, com um — *dá licença, senhor Director?*, a que responderam sêcamente: *entre, quem é!*

— Ah!, é o Sr. Marques... Então o que há?

Leopoldo da Silva, quási que nem se sentiu Marques.

A presença de Leão da Silveira, com a sua longa barba branca, foi como que uma moção de desconfiança na assembleia geral dos seus vilíssimos instintos.

— Eu, senhor Director, — tatobitou o desgraçado — vinha pedir a V. Ex.^a a fineza de me dispensar da parte de tarde.

O Leão da Silveira, abriu os olhos de espanto e, boquiaberto, perguntou:

— O Sr. Marques? Sair mais cedo, o Sr. Marques?

Da Silva Marques esteve em riscos de engulir a própria maçã de Adão, se bem que a fruta não fôsse bem o seu género.

E, sentindo a necessidade de uma grande

justificação, de embuchado que estava, tratou de meter uma *bucha*.

— E' que, senhor Director, eu ando há uns tempos desconfiado que minha mulher se porta mal... e, enfim, não desejava ser o último a certificar-me.

— Bem, bem, isso é outra coisa. Vá lá tratar da sua vida.

E como se se tratara de doença, Leão da Silveira, à despedida ainda disse: *estimo que não seja nada.*

O nosso homem foi tratar da vida, do que não darei contas ao pudico leitor.

Tomou-lhe o gôsto.
Durante 15 dias a oito, a inevitável licença-zinha.

Até que à décima sexta vez, Leão da Silveira lhe disse:

— Olhe, sôr Marques, hoje não pode ser. O amigo, afinal, demorava muito tempo com as suas investigações e eu tirei-me dos meus cuidados e pus a polícia em campo.

Leopoldo, de olhos medonhamente boquiabertos, sentia crescer o crâneo de envergonhado espanto.

Entretanto, Silveira, reatando, foi dizendo:

— E' claro, isto assim não podia continuar... O senhor faz falta ao serviço... e eu pus tudo em pratos limpos. Senhor Leopoldo da Silva Marques, queira sentar-se nessa cadeira, que eu não estou para levantar cadáveres do chão: a sua virtuosa esposa engana-o com Jeremias Rodrigues, guarda-freio n.º 1:023 da Companhia Carris de Ferro desta cidade, que mora na rua Dr. Marmanjo n.º 45, onde vive com mulher e 11 filhos.

(Imitação).

Barão de SÉRGIPE.

NAS

Galerias Lafayette

da Rua Formosa — PORTO,
todos os artigos teem um
cunho parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE

Namorados



Ele, delicado — *Bem vês, meu amor, eu seria incapaz de te ofender antes de casarmos...*

PEÇAS E

OSTRICHEN
PELLE



O CASACO DE PELES

Episódio passado na idade da pedra lascada

PERSONAGENS:

O cabeludo macho
A rechonchuda fêmea
As crias

A cena representa uma caverna aberta na montanha bruta (não vale insultar!) A porta, usando ainda os tão agradáveis trajos da mãe Eva, está acocorada a Rechonchuda fêmea, tendo nos braços uma das crias, que cômoda e lautamente vai almoçando numa das buvettes do restaurante materno.

CENA I

ELA, mudando a cria do braço, ou seja, servindo-lhe o segundo prato do menu:

Enquanto tu jantas, meu doce rebento,
Meu único alento,
Teu pai vai correndo por montes, atento,
Veloz como o vento,
Fazendo-se verde, fazendo-se pardo,
A ver se consegue matar um javardo,
Um tigre ou leopardo!

(à outra cria, que se pôs a berrar, chamando por ela de dentro da caverna)

Espera! Não tardo!

(pensando absorvida)

Teu pai!... Enganei-me! Teu pai 'stá além,
Nas margens do lago que esta terra tem!
E' um macho barbudo, possante, valente
Que só me vem ver, não 'stando ninguém.

(de olhos em alvo)

Que força que tem!
E gênio também!

A CRIA ao colo, concordando, geme:

Hua! Hi! Huem!

A OUTRA CRIA, dentro da caverna, fazendo uma perrice:

O' mãe! Minha mãe!
Eu quero um vintem!

A Mãe, largando um grande: Ai, ou!, como se falasse a uma besta:

Nem pio, meu bem!
Espera um momento, que quando chegar
O teu bom paizinho, farto de caçar,
Ele há de te dar
Brinquedos sem conta, com que has de brincar.
Um urso, uma rena ou foca do mar
Um gato selvagem ou águia do ar!
pensando, absorvida:

O teu bom paizinho!... Que está distante!
Há três anos já, que por lá anda errante,
A fugir às iras desse mamarracho
Que é o meu marido e que um dia escacho!
(solene, com *inspiração*)
O' orfãs de pai! Dormi, brincai, sorri!
O' orfãs de pai! Sorri, brincai, dormi!
(adormecem as três)

CENA II

O CABELUDO DO MARIDO, descendo o monte com um urso morto às costas e empunhando um cajado capaz de partir as costelas a uma batêta, canta em surdina:

Ai, como eu almejo
Por te dar um beijo!
Grande é o meu desejo
De estreitar ao peito, num abraço só,
num valente nó,
A mulher, as filhas e até a avó!
(berrando, para que a família o ouça):

Aló! Aló!...

(à mulher que se aproxima, dengosa, sorridente, dando-lhe uma grande palmada numa nádega):

Quem é? Quem é?
Que anda um dia inteiro a pé
Sem chupar um burrié,
Todo o dia, truca, truca,
Que não bebe e não manduca,
Para poder oferecer
A' sua fiel mulher

(atirando-lhe o urso morto)

Um casaquinho de peles?

ELA, apalpando a pele do bicho, com um estremeção:

Esta pele é marca reles!
Não é coisa que se of'reça
A quem costuma esperar,
Amorosa, triste, opressa,
Que tu voltes de caçar!

(chorando)

Não é presente bastante
Para quem, dias seguidos,
Espera d'olhos perdidos
Pelo seu ausente amante!
Tu, na caça, tão distante,
E eu, pensando, a todo o instante,
Sempre em ti e só em ti!

(babado)

Mullierzinha, assim, não há!

A CRIA MAIS NOVA, aprovando:

Hi! Huá! Hué! Huá!
Hé! Hui!

ELE, num entlevo:

Deixa estar que, p'ra outra vez
Correrei de-lés-a-lés,
Mas terás um *petit-gris!*

Dr. KNOX.

CARTAZ DE HOJE

S. João: Ainda não encerrou as suas doiradas portas para obras.

Olimpia: Formidável e grandiosa atracção — Comitre. Dois espectáculos de mistério, que constituem uma enigma para a ciência e uma incógnita para a humanidade.

Passos Manuel: Cinema sonoro com os mais variados filmes.

Batalha: A engraçadíssima produção alemã *A milícia da Paz*, com Paul Orbiger, Fritz Kampers e Claire Romer.

CONCURSO DE SETEMBRO OU O AUTOMÓVEL MISTÉRIO

Devido a diversas insuficiências que o esquema do mapa de Portugal publicado no nosso último número comportava, é-nos impossível, sem confeccionar um outro, dar início ao nosso concurso do

AUTOMÓVEL MISTÉRIO.

Em face disto, resolvemos adiá-lo para melhor oportunidade e passarmos ao

Concurso de Outubro

um verdadeiro

CONCURSO POPULAR

que se denominará o

JOGO DO SAPO

êsse passatempo admirável que tôda a gente conhece.

Vamos, portanto ao **CONCURSO DO SAPO**, interessante, distractivo e remunerador, que se iniciará em **31 de Setembro**.

No nosso próximo número publicaremos as bases do **CONCURSO DO SAPO**, que terá como prémios aqueles que estavam anunciados para o **AUTOMÓVEL MISTÉRIO**.